

Alguns recortes sobre a leitura realizada.

Uma placa giratória: uma orientação para situar o sentido e o gozo

Por: Maria Silvia G F Hanna

I. Qual é a relação entre Sintoma e fantasia?

Para encaminhar essa questão utilizaremos como orientação a placa giratória apresentada por J A Miller¹ que enlaça dois elementos: sentido e gozo através de diferentes operações extraídas do ensino de J. Lacan.

Em primeiro lugar, lembremos que o sintoma no campo da psicanálise possui um sentido, o que aponta tanto aos acontecimentos da vida psíquica do sujeito as quais deve sua origem como a sua intencionalidade e a cujo serviço se colocou.

Freud entende que o sintoma resulta de uma complexa operação que se inicia com um veto que impede uma determinada satisfação e força uma substituição significativa, percorrendo um caminho regressivo que dá de cara ou se detém nos pontos de fixação, onde encontramos a fantasia.

Em outras palavras, o sintoma é um meio de gozar que se conecta a uma defesa emergindo como uma solução de um conflito. Isto quer dizer que sintoma articula dois elementos heterogêneos: sentido e gozo.

Desta forma o sintoma articula o gozo e o sentido e depende da fantasia na sua construção., ou seja: não há sintoma sem fantasia.

II. O delírio não é um sintoma

Incluimos algumas considerações para pensar o gozo e o sentido na psicose.

A elaboração proposta por S. Freud na Introdução ao narcisismo (1915), localiza que o desencadeamento na psicose se opera de forma silenciosa e consiste na retirada radical da libido dos objetos.

Neste ponto se apresenta uma dificuldade de retorno da libido a outros objetos, atribuída à ausência da fantasia, ou seja não há possibilidade de realizar a regressão da libido aos pontos fixados pela fantasia.

¹ Miller, J. A. Seminário sobre os caminhos da formação de sintomas in Opação Lacaniana 60, São Paulo. Edições Eolia

Esse fato obriga ao sujeito a realizar outro trabalho que chamamos de delírio, cuja função é devolver a libido aos objetos (construção de uma nova realidade). O mesmo funciona como uma ponte que se constrói justo no ponto de rompimento do caminho (buraco) através de uma nova significação que fixa uma relação entre o significante e o significado (desconectada de qualquer outro significante e que se apresenta como um ponto irreductível, um ponto de certeza) situando, assim um limite à irrupção múltipla de significações que podem surgir logo após o desencadeamento.). Em outros termos, o delírio funciona como um suplência daquilo que falta para dar continuidade ao caminho da libido.

A significação delirante resulta de uma decomposição do eu, onde uma parte deste toma a outra como objeto (perseguição- erotomania, traição e ciúmes). O gozo se localiza no Outro que é reduzido ao imaginário e que toma o sujeito como seu objeto.

A significação do delírio emerge como algo que não se conecta com nada, apresentando uma certeza que fixa e estabiliza a relação significante

J. Lacan elucida a reconciliação de Schreber com Deus na forma final de seu delírio, construindo o esquema I, onde no lugar do Outro aparece o significante ideal (Mulher de Deus) que ordena a sequência significante e gera uma metáfora delirante. Uma solução elegante para Schreber onde ele consente em se transformar em Mulher em um futuro assintótico para copular com Deus e gerar uma nova raça de homens.

Esse estado de coisas abre para um novo gozo que passa pela imagem (Diariamente Schreber se olhava no espelho curtindo com prazer sua transformação em mulher). A metáfora delirante é irreductível, não interpretável, mas interpreta e articula o gozo.